

**Autismo e a Comunicação Aumentativa e Alternativa:  
como perfis de Carol Souza desafiam estigmas digitais no *Instagram***

***Autism and Augmentative and Alternative Communication:  
how Carol Souza's profiles challenge digital stigmas on Instagram***

Amanda GANZAROLLI<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo analisa o perfil de Carol Souza, influenciadora autista que usa Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) em suas interações nas redes sociais. O objetivo é investigar o papel dessas plataformas na construção de estigmas sobre minorias sociais e culturais, com foco em uma adulta autista não oralizada que se comunica por meio de um tablet. A metodologia segue a análise categorial de Lycarião e Sampaio (2021). O referencial teórico inclui Shirky (2023) sobre redes digitais, além de Figueira (2021), Di Marco (2020), Saga e Ignarra (2023) sobre capacitismo. Os resultados mostram que as redes ampliam a participação de pessoas com deficiência, especialmente sem fala funcional, promovendo inclusão e rompendo preconceitos sobre formas alternativas de comunicação.

**Palavras-chave:** Redes sociais digitais. Autismo. Capacitismo. Comunicação Aumentativa e Alternativa. Inclusão.

**Abstract**

This article analyzes the profile of Carol Souza, an autistic influencer who uses Augmentative and Alternative Communication (AAC) in her interactions on social media. The objective is to investigate the role of these platforms in shaping stigmas about social and cultural minorities, focusing on an autistic non-speaking adult who communicates through a tablet. The methodology follows the categorical analysis proposed by Lycarião and Sampaio (2021). The theoretical framework includes Shirky (2023) on digital networks, as well as Figueira (2021), Di Marco (2020), Saga and Ignarra (2023) on ableism. The results show that social media has expanded the participation of people with disabilities, especially those without functional speech, promoting inclusion and breaking prejudices about alternative forms of communication.

**Keywords:** Digital social networks. Autism. Ableism. Augmentative and Alternative Communication. Inclusion.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions (HumanizaCom). Bolsista Capes. E-mail: aamandaganzarolli@gmail.com.

## Introdução

O conceito de cultura da participação tem sido amplamente discutido no contexto dos ambientes virtuais. A introdução de novas ferramentas digitais e o aumento da acessibilidade por meio de smartphones têm proporcionado oportunidades inovadoras para a divulgação de conteúdo, tornando-a mais assimétrica em comparação com o período anterior à popularização das redes sociais digitais (Shirky, 2011). Dessa forma, este estudo tem como objetivo investigar a representação social de influenciadores digitais que utilizam a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) para compartilhar conteúdos no *Instagram* à medida que mostram suas rotinas e conscientizam os seguidores sobre a comunicação não oralizada. A escolha das redes sociais digitais como foco deste artigo deve-se ao fato de que essas plataformas funcionam como ferramentas que criam oportunidades de produção de conteúdo por pessoas com deficiência. “Nesse processo, as redes sociais têm tido um papel fundamental para nos ajudar a sermos mais vistos, mais reconhecidos, mais representados” (Saga e Ignarra, 2023, p. 86).

O perfil escolhido no *Instagram* para esta análise é o da brasileira Carol Souza, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e usuária de CAA. Souza, uma mulher adulta e formada em pedagogia apresenta-se como uma autista com nível 2 de suporte. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por ser um transtorno global do desenvolvimento, pode ser compreendido, de forma breve, como uma condição dividida em três níveis de suporte, conforme estabelecido pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Esta condição neurológica impacta nas áreas da comunicação e da interação social do indivíduo e causa prejuízos significativos em sua autonomia e em seu convívio com seus pares (Instituto Singular, 2021). Os dados mais recentes a respeito das estatísticas sobre pessoas com autismo revelam que no Brasil é possível afirmar que existam cerca de 2,4 milhões de autistas, de acordo com os resultados do último Censo de 2022, a primeira edição a incluir a pergunta sobre autistas (Censo, 2022).

Para compreender a representação social de uma influenciadora digital que utiliza a CAA, este estudo baseia-se nas contribuições teóricas de Clay Shirky (2023) sobre as redes sociais digitais. Além disso, aborda as obras de Emílio Figueira (2021), Victor Di Marco (2020), Billy Saga e Carolina Ignarra (2023), que analisam o capacitismo, a fim de explorar a influência e o impacto social de tais conteúdos na sociedade. A metodologia

aplicada consiste em uma análise de conteúdo, de base quantitativa e categorial, com foco no vídeo publicado no perfil da influenciadora que obteve o maior número de visualizações (Lycarião e Sampaio, 2021).

Este artigo é estruturado em duas partes: a primeira apresenta o conceito de CAA e uma introdução à influenciadora digital Carol Souza e a segunda parte analisa a representação de Souza por meio do vídeo estudado e dos comentários relacionados a ele.

### **Carol Souza: uma voz influente na Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) no Brasil através do *Instagram***

Esta pesquisa, cuja área abrange a comunicação social, ampara-se em estudos da educação a respeito da Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) para introduzir o conceito neste artigo. Entretanto, este meio de comunicação não será aprofundado a partir de uma perspectiva médica ou educacional, pois pretende-se investigar a CAA na perspectiva da comunicação social e das redes sociais digitais. Desta forma, para trazer ao leitor um entendimento básico sobre o tema, entende-se como CAA instrumentos físicos ou digitais que utilizam figuras para permitir que a comunicação entre indivíduos ocorra. A Associação Americana de Fala, Linguagem e Audição define a CAA como “uma área da prática clínica que suplementa ou compensa deficiências na produção e/ou compreensão da linguagem falada, incluindo modos de comunicação falados e escritos”<sup>2</sup> (ASHA, 2017, tradução do autor).

Por ser a oralidade o meio de comunicação mais antigo e amplamente utilizado, é comum que a sociedade presuma que as pessoas se comunicam exclusivamente pela fala. Essa cultura é introduzida desde a infância, como se a linguagem verbal fosse o único meio efetivo de comunicação entre os seres humanos. No entanto, ao observar o cotidiano, especialmente na sociedade contemporânea, percebe-se que as imagens — incluindo fotos, pictogramas, símbolos, figurinhas, emojis, gifs e vídeos — são constantemente utilizadas. Além disso, expressões faciais e gestos manuais desempenham um papel crucial nas interações. Assim, é evidente que a combinação de diversos elementos visuais e verbais, como as letras, atua como agentes fundamentais da comunicação.

---

<sup>2</sup> Original: “is an area of clinical practice that supplements or compensates for impairments in speech-language production and/or comprehension, including spoken and written modes of communication”.

A principal justificativa para os indivíduos escolherem usar a comunicação aumentativa e alternativa (CAA) é a incapacidade de sua fala natural de atender a todas as suas necessidades diárias de comunicação. Embora a gravidade do comprometimento desempenhe um papel na determinação das necessidades de CAA e intervenções apropriadas, outros fatores incluem nível de complexidade da comunicação, habilidades dos parceiros de comunicação, ambientes de comunicação e fatores ambientais, taxa de comunicação e proficiência em comunicação estratégica, entre outros. O delicado equilíbrio que produz automaticidade do planejamento, programação e execução da fala natural não é substituído pelos sistemas de CAA, nem a CAA atenua totalmente os comprometimentos na produção da fala natural<sup>3</sup> (National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine, 2017, tradução do autor).

Estima-se que aproximadamente 2 milhões de pessoas nos Estados Unidos utilizem a CAA para auxiliar em suas necessidades de comunicação (ASHA, 2017). No Brasil, entretanto, ainda não há estatísticas oficiais disponíveis sobre a população que faz uso dessa tecnologia. Porém é possível encontrar profissionais que buscam especialização para atender a demanda referente ao ensino de CAA a partir da base de que a comunicação é um direito de todos, como no caso da Clínica Clarear especializada em sistemas robustos de comunicação alternativa e a primeira a aplicar o método PODD<sup>4</sup> (Pragmatic Organisation Dynamic Display) no Brasil.

Antes de apresentar o perfil estudado neste artigo, é fundamental compreender que, desde o nascimento, um bebê é exposto a milhares de palavras e leva aproximadamente dois anos para desenvolver uma comunicação oral autônoma. Em um desenvolvimento típico, espera-se que uma criança tenha em seu vocabulário cerca de 300 palavras entre os dois e três anos de idade (Primeira Infância, 2023). De forma semelhante, indivíduos que utilizam a CAA também precisam de tempo para alcançar a independência por meio de formas de comunicação que não sejam orais. Outro ponto

---

<sup>3</sup> Original: “The primary rationale for individuals' electing to use augmentative and alternative communication (AAC) is the inability of their natural speech to meet all of their daily communication needs. Although the severity of impairment plays a role in determining AAC needs and appropriate interventions, other factors include level of communication complexity, skills of communication partners, communication environments and environmental factors, rate of communication, and proficiency at strategic communication, among others. The delicate balance that yields automaticity of natural speech planning, programming, and execution is not replaced by AAC systems, nor does AAC fully mitigate impairments in natural speech production”.

<sup>4</sup> Na década de 1990 a fonoaudióloga australiana Gayle Porter criou este método para auxiliar pessoas com dificuldades de comunicação. No início foi pensado para pessoas com paralisia cerebral, mas o método se expandiu para qualquer indivíduo que não possua uma comunicação oral funcional.

importante refere-se ao artigo 21 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), de 2006:

Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar que as pessoas com deficiência possam exercer seu direito à liberdade de expressão e opinião, inclusive a liberdade de buscar, receber e compartilhar informações e ideias, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas e por intermédio de todas as formas de comunicação de sua escolha (CDPD, 2006).

Significa dizer, de maneira simples, que cada ser humano tem o direito de escolher a forma como vai se comunicar. Neste contexto, este estudo analisa o perfil Carol Souza Autistando, administrado por Carol Souza, uma mulher autista adulta, formada em pedagogia, com TDAH<sup>5</sup> e usuária de CAA. Até a elaboração deste artigo, Souza contava com 103 mil seguidores e mais de 2.800 publicações no *Instagram*, a maioria das quais aborda a importância, a conscientização e o uso da CAA. Suas postagens são apresentadas em forma de texto e vídeo, nos quais ela utiliza seu tablet de CAA. Nos vídeos, Souza aparece diante da tela do celular, manipulando algum utensílio, enquanto a voz do tablet traduz o que ela escreveu. Este estudo não se aprofundará no software específico utilizado pela influenciadora; basta destacar que esses dispositivos servem como ferramentas de CAA, baseando-se em símbolos para facilitar a comunicação.

---

<sup>5</sup> O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é classificado no DSM-5 como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por padrões persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Para ser diagnosticado com TDAH, é necessário que o indivíduo apresente, por pelo menos seis meses, um conjunto de sintomas que causem prejuízos significativos em várias áreas da vida, como escola, trabalho e relações sociais.

Figura 1 - Captura de tela do vídeo de Carol Souza utilizando CAA em seu perfil do *Instagram*.

Fonte: Souza, 2024.

Nos conteúdos que compartilha, Souza relata experiências pessoais que abrangem desde a infância até a vida adulta, oferecendo dicas e explicações sobre os motivos que levam a determinados comportamentos. Além disso, utiliza seu perfil para se posicionar sobre diversos temas, incluindo acesso à educação, saúde e capacitismo. As críticas de Souza em relação à representação de autistas com nível 1 de suporte<sup>6</sup>, que frequentemente são convidados a falar em eventos sobre autismo, ao invés de autistas com nível 3 de suporte, também fazem parte de sua produção de conteúdo. Souza sempre se posiciona em favor da CAA, evidenciando como sua utilização lhe proporcionou a capacidade de se manifestar e levar uma vida mais digna. Assistida 24 horas por sua mãe ou tia, ela considera a CAA um meio essencial de sobrevivência para autistas não oralizados. Após 12 anos, Souza começou a se comunicar por escrito e, aos quase 30 anos, ainda não possui uma comunicação oral funcional. Em suas palavras, “comunicação é direito e CAA é vida” (Instagram, 2024). Perfis como o da deputada estadual em São Paulo, Andrea Werner (PSB), cuja pauta principal está relacionada às pessoas com deficiência, mantêm uma forte interação com as publicações de Souza, abordando temas relacionados à CAA e expressando opiniões sobre políticas públicas.

<sup>6</sup> O autista com nível 1 de suporte apresenta dificuldade para iniciar interações sociais, comportamentos restritos e repetitivos e inflexibilidade, problemas para organização e planejamento de acordo com o DSM-5.

## A representação da autista Carol Souza em ambientes virtuais

Ao introduzir a utilização da CAA no *Instagram*, este artigo visa abrir caminhos para que mais perfis de pessoas com deficiência nas redes sociais digitais sejam analisados na área da comunicação social, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre questões de saúde e capacitismo em ambientes virtuais. É fundamental destacar que a percepção e a representação das pessoas com deficiência ao longo da história foram se transformando à medida que as ferramentas de comunicação e o entendimento sobre deficiência também evoluíam. Em sua obra, Figueira (2021) aponta que, independentemente da época, havia um aspecto comum: a capacidade de promover ganhos dentro de uma comunidade (Figueira, 2021).

Assim, quanto mais próximo é o fenótipo de uma pessoa com deficiência em relação a uma pessoa sem deficiência, mais válida e aceitável será sua participação na sociedade. Sendo este exemplo uma das ocorrências de capacitismo mais comuns na vida em sociedade. Em determinados grupos, o indivíduo que possuía as diferenças dos demais era excluído de modo a perder a sua vida.

Muitos relatos de historiadores e antropólogos registram várias práticas de exclusão entre os índios. Quando nascia uma criança com deformidades físicas, era imediatamente rejeitada, acreditando-se que traria maldição para a tribo, dentre outras consequências. Uma das formas de se livrar desses recém-nascidos era abandoná-los nas matas, ou atirá-los de montanhas e, nas mais radicais atitudes, até sacrificá-los em chamados rituais de purificação (Figueira, 2021, p. 20).

Entretanto, essa exclusão, ainda presente nos dias de hoje, assumiu novas formas de manifestação por meio das redes sociais digitais. A cultura da participação em ambientes virtuais abriu espaço para que indivíduos com diferentes fenótipos e condições físicas ou intelectuais pudessem ganhar visibilidade, assim como os demais. Nesse contexto, a autista Carol Souza tem se destacado, permitindo que pessoas que utilizam a CAA sejam vistas e reconhecidas. Como parte deste estudo, foi realizada uma análise do vídeo em formato de *reels* no perfil de Souza, que apresenta o maior número de visualizações. O objetivo foi investigar a interação de pessoas que não são usuárias de CAA, mas que se interessam pelo tema, seja por serem cuidadores de indivíduos não oralizados ou por serem profissionais que atuam com comunicação alternativa. O vídeo analisado aborda o Dia da Conscientização do Transtorno do Espectro Autista (TEA),

tendo sido publicado no dia 2 de abril de 2023, em colaboração com o perfil Instituto Mosaico. Até o momento da construção deste artigo no segundo semestre de 2024, o vídeo de três minutos e trinta e três segundos conta com 2.853 curtidas, 96 comentários e 122 mil visualizações. Para proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre a importância da CAA, segue abaixo a transcrição do áudio produzido pelo tablet de Souza, que é reproduzido no vídeo.

Hoje é dia 2 de Abril. Prefiro dizer que mais do que dia da conscientização do autismo, precisa ser dia da aceitação, apenas conscientizar, na minha opinião, não basta. Não basta porque está cheio de pessoas que são conscientes sobre a condição, mas não aceitam. Não aceitam seus filhos, seus irmãos, seus alunos. Não aceitam nossa forma de nos comportarmos, de pensarmos, nossas necessidades. Mas que vivem na busca da cura, do sair do espectro, que não existe. Colocam o autista em terapias abusivas, para que fique aparentemente menos autista possível, perca suas peculiaridades e inofensivas, que o tornam diferente, levando o indivíduo ao desgaste emocional. No dia 2 de Abril, é um dia focado para chamar a atenção das pessoas sobre a importância de nos aceitar como somos. Com nossos stims, nossas repetições, nosso jeito direto de nos expressarmos, nossas crises, nossa necessidade de previsibilidade, nossas habilidades e nossas dificuldades. No dia dois de Abril é apenas um dia para lembrar que a aceitação do autismo precisa acontecer todos os dias. Precisamos de menos e mais, menos azul para esse dia, para esse mês. Menos neurotípicos pensando que falam por nós. Menos cobranças pela oralidade. Pela cura. Menos terapias abusivas. Menos capacitismo e exclusão. Mais cores. Autismo não é só azul, ele é colorido. Mulheres autistas existem, pessoas LGBTQIAP+ existem, pessoas pretas no espectro existem. Mais autistas nível 2 e 3 de suporte nos espaços falando por si, seja oralmente, ou usando CAA. Mais espaços que se adaptem para nos aceitar. Mais incentivo a outras formas de comunicação e não apenas a fala. Mais aceitação e respeito, pois a cura não existe. Mas terapias que respeitem as particularidades de cada indivíduo. Mais inclusão em todos os espaços da sociedade. Nos ouçam, nos respeitem, nos aceitem, somos diferentes, mas não incapazes ou inferiores. Autismo não é doença, não são problemas, aspas e muito menos tragédia. Autismo é neurodiversidade. O nosso lugar é aonde quisermos estar<sup>7</sup> (Instagram, 2023).

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/112fMUgZADL2Smpiyq4mfjTgdXA37-92Z/view?usp=sharing>

Esta transcrição, que contém 325 palavras, evidencia a força da Comunicação CAA. Antes de sua utilização, seria inviável para uma pessoa com comunicação oral não funcional expressar-se de maneira tão eficaz. Outro aspecto relevante é o alcance da mensagem de Souza por meio do tablet. Sem as redes sociais digitais, como a mensagem de Souza poderia chegar até as pessoas? Provavelmente, essa comunicação ocorreria através de veículos de comunicação tradicionais ou blogs. A inviabilidade de não poder expressar sua mensagem, neste caso, está associada diretamente ao capacitismo que é o preconceito contra a pessoa com deficiência. Toda falta de acessibilidade é discriminação contra a pessoa com deficiência. Na perspectiva do influenciador digital Di Marco, a sociedade enxerga as pessoas com deficiência como meros espectadores (Di Marco, 2020).

Neste sentido, a prática da CAA por Souza traz um novo cenário para a divulgação de conteúdos e a interação em plataformas digitais, além de aproximar a sociedade das pessoas com deficiência.

Se uma criança convive desde pequena com outras crianças com deficiência, ela não vai achar estranho quando adulta, uma pessoa com deficiência em uma festa ou andando na rua, por exemplo. Inclusão é um conjunto de ações que combatem a desigualdade de oportunidade originados por diferenças sociais. Inclusão é possibilitar de modo efetivo oportunidades iguais de acesso a bens e serviços sociais (Di Marco, 2020, p. 25).

É reconhecido também que as redes sociais digitais colocam todos, com e sem deficiência, no mesmo ambiente. Esta ideia vai em encontro a fala de Di Marco ao afirmar que “Inclusão é termos pessoas diferentes em um mesmo espaço e não um espaço para pessoas diferentes” (Di Marco, 2020, p. 26).

Para exemplificar este espaço virtual e o alcance da mensagem por meio da CAA, analisou-se os 96 comentários do vídeo a fim de identificar a representação do usuário da CAA, na perspectiva de seguidores do perfil que são pessoas com comunicação oral funcional. Em destaque, apresenta-se a seguir seis comentários amparados na descrição de Shirky sobre a mídia: o consumo, a produção e o compartilhamento de conteúdo (Shirky, 2011).

Quadro 1 - Exemplos de comentários na publicação de vídeo no perfil da Carol Souza

<b>Comentários</b>
Obrigada pela mensagem Carol! sou mãe de uma menina de 9 anos e vc me ajuda sempre com seus posts ❤️
Ouvir é importante, necessário!!! Amei Carol falou tudo ❤️
Que depoimento importante!Obrigada por nos ensinar tanto, Carol!
Uauu que mensagem necessária!Obrigada Carol, você é incrível
Carol, você é inspiradora!Obrigada por seus textos tão importantes! ❤️ ❤️
Carol querida, que depoimento importante! É ele que vou eleger para divulgar neste dia! Você sempre me encanta, sua presença e sua história é muito valiosa, para a causa autista!

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Esses seis comentários foram selecionados por apresentarem características comuns. A primeira delas refere-se à manifestação de pais e cuidadores que veem o perfil de Souza como uma referência em questões relacionadas ao autismo e à CAA. Esses cuidadores enxergam as publicações de Souza como fontes de informação e orientação a serem seguidas ou apreciadas. Nesse contexto, Souza assume, de certa forma, o papel de instrutora para esses pais, ainda que não tenha formação específica em Transtorno do Espectro Autista (TEA) nem se posicione dessa forma. Observa-se, nas falas dos cuidadores, uma confiança nas mensagens de Souza que ultrapassa a simples admiração.

A segunda observação refere-se à produção de conteúdos próprios em seu perfil no *Instagram*, os quais demonstram a superação de barreiras relacionadas à acessibilidade instrumental, comunicacional e atitudinal (Sasaki, 2009)<sup>8</sup>. Na perspectiva dos cuidadores, principalmente daqueles que possuem filhos sem uma comunicação oral funcional, as publicações da influenciadora demonstram um possível caminho de autonomia da comunicação para outros usuários de CAA.

O último comentário apresentado no quadro acima é um exemplo de que o conteúdo da Souza é escolhido para ser compartilhado em outros perfis no *Instagram*. O compartilhamento, antes retido nas mãos de grandes veículos de comunicação, passa a ser livre de autorizações dentro dos ambientes virtuais. Na concepção de Shirky (2011) o

<sup>8</sup> Os seis tipos de acessibilidade, segundo Romeu Sasaki são: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática, atitudinal.

ato de publicar passa a ser livre. “É, esse botão existe. Publicar costumava ser algo que precisávamos pedir permissão para fazer; as pessoas cuja permissão precisávamos pedir eram os editores. Não é mais assim” (Shirky, 2011, p. 45). Como o compartilhamento de conteúdo em plataformas digitais se expande para diversas redes sociais e migra para o WhatsApp, torna-se inviável mensurar o alcance de uma publicação ao ser compartilhada online.

Quando alguém compra uma TV, o número de consumidores aumenta em um, mas o número de produtores permanece o mesmo. Por outro lado, quando alguém compra um computador ou um telefone celular, tanto o número de consumidores quanto o de produtores aumentam em um. O talento continua distribuído de forma desigual, mas a capacidade bruta de criar e compartilhar é agora largamente distribuída e cresce a cada ano (Shirky, 2011, p. 53).

Os exemplos discutidos anteriormente corroboram o objetivo central deste artigo: a representação de autistas usuários de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) no *Instagram*. Isso ocorre porque os estereótipos que envolvem pessoas que não se comunicam de maneira oral são fundamentados no modelo médico da deficiência, o qual atribui à pessoa com deficiência o status de problema a ser corrigido. Esse modelo desconsidera a responsabilidade da sociedade em adotar medidas de acessibilidade e inclusão, e instrui a pessoa com deficiência a se adaptar para encaixar-se nos padrões sociais vigentes. Os mais de 100 mil seguidores de Carol Souza evidenciam uma mudança, mesmo que gradual, na representação social de autistas na cultura brasileira. Indivíduos que cresceram na década de 1990 provavelmente não tinham contato frequente com autistas, nem conhecimento sobre suas rotinas, a menos que tivessem um familiar ou conhecido próximo com essa condição.

Atualmente, crianças e adolescentes de diversas idades e regiões do país têm acesso a conteúdo produzido por pessoas neurodivergentes<sup>9</sup>, com deficiência, doenças raras ou transtornos mentais. Autistas com nível 2 ou 3 de suporte ou deficiência intelectual podem manifestar seus pensamentos no mesmo espaço digital que autistas com nível 1 de suporte. Essa mudança no acesso à publicação e à visibilidade é significativa e merece destaque neste estudo, considerando que a média de diagnósticos de autistas com

---

<sup>9</sup> Pessoas neurodivergentes apresentam um funcionamento neurológico que se diferencia do padrão "neurotípico" ou típico na sociedade. O autismo, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), são alguns exemplos da neurodiversidade.

deficiência intelectual no Brasil corresponde a 30% dos casos, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019).

Outro ponto de reflexão é a presença dos aparelhos eletrônicos que facilitam o acesso dos cidadãos às redes sociais digitais. No Brasil, há aproximadamente 249 milhões de celulares e 215 milhões de computadores em uso (FGV, 2023). Ao utilizar o *Instagram* como meio de comunicação, a influenciadora está presente de forma contínua na plataforma de rede social digital mais utilizada no Brasil (Painel Opinion Box, 2023). Há um paradoxo na participação digital de Carol Souza, pois, em uma rede social cujo engajamento é amplamente impulsionado por imagens e vídeos, Souza desafia esse padrão. A maior parte de suas publicações são em formato de texto, e, quando utiliza vídeos, o faz principalmente por meio da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Essa abordagem evidencia uma adaptação da comunicação para além das convenções visuais e audiovisuais dominantes na plataforma, mostrando a flexibilidade e a diversidade que a CAA pode proporcionar no contexto digital.

Um aspecto interessante a observar é a mensagem em sua biografia do *Instagram*: “não consigo ver direct” (Instagram, 2024). Souza frequentemente menciona, por meio de seu conteúdo, que não consegue responder a mensagens privadas e, de fato, raramente há respostas dela nos comentários das publicações. Ainda que a influenciadora não responda diretamente às interações, isso não diminui o engajamento dos seguidores. Os usuários compreendem que essa falta de resposta decorre de uma limitação relacionada ao autismo, e, por isso, respeitam sua maneira particular de interagir com o público. Essa autonomia proporcionada a Souza, ainda que não em todas as áreas de sua vida, permite que o público que navega nas redes sociais digitais a veja como ela realmente é e a aceite em sua autenticidade. A liberdade oferecida pela CAA, juntamente com a acessibilidade de publicação no *Instagram*, retira a pessoa com deficiência de uma situação de isolamento, inserindo-a em um ambiente de maior inclusão. Esse resultado desafia o capacitismo ao promover a manifestação de autistas não oralizados ao lado de outros usuários.

O capacitismo é responsável pela ausência de pessoas com deficiência nas escolas, no trabalho, nas ruas, nos centros de lazer e cultura, nos esportes, nos comerciais, nas novelas. Ele começa em casa, quando as famílias isolam a pessoa com deficiência com a “boa” intenção de mantê-la em segurança e “protegida”. Entretanto, não deixar alguém ter experiências na vida não pode ser sinônimo de proteção (Saga e Ignarra, 2023, p. 62)

Deste modo, a presença e atuação de Souza no *Instagram* mostra como as redes sociais digitais agem como uma intervenção midiática a favor da quebra de preconceitos tanto estruturais quanto na sociedade antiga e contemporânea. Não significa que o capacitismo será eliminado do contexto virtual, entretanto, ele pode ser combatido à medida que mais pessoas que utilizam CAA se manifestam nas plataformas digitais.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa, realizada em outubro de 2024, mês de conscientização da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), teve como foco a influenciadora Carol Souza. A escolha de sua figura central neste estudo se justifica pelo respeito que a sociedade contemporânea deve cultivar em relação à inclusão, considerando os séculos de exclusão enfrentados por pessoas com deficiência. No contexto do autismo, essa centralização é ainda mais necessária, uma vez que se trata de uma deficiência oculta e uma condição neurológica que começou a ser efetivamente estudada apenas na década de 1970.

Dessa forma, este artigo identificou que perfis como o de Carol Souza posicionam o autismo e a CAA além da visão capacitista que frequentemente promove a compaixão e a superação, amplamente divulgadas nas mídias tradicionais. Embora sua fala não seja 100% funcional, a influenciadora utiliza a CAA de maneira a garantir que sua mensagem alcance um público amplo. Sua autonomia e posicionamento em relação às políticas públicas abrem espaço para discussões sobre acessibilidade comunicacional, com o objetivo de pressionar a criação de políticas que atendam às necessidades dos usuários de CAA.

Além disso, as interações de Souza com seus seguidores, independentemente de serem ou não seguidores, demonstram que sua atuação em ambientes virtuais contribui para aumentar a compreensão do autismo e das pessoas não oralizadas. Além de oferecer conhecimento e experiências valiosas a cuidadores de pessoas autistas ou a qualquer indivíduo que necessite da CAA, Souza é reconhecida como uma referência no Brasil no que tange à Comunicação Aumentativa e Alternativa. O perfil também age como catalisador de outras experiências de pessoas com deficiência que antes das redes sociais digitais eram invisibilizadas.

Deseja-se que este estudo sirva como um aliado na causa anticapacitista e que incentive a realização de mais pesquisas na área da comunicação social relacionadas às pessoas com deficiência nas redes sociais digitais.

## Referências

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. (2021). **Neurodiversity and the social model of disability**. Disponível em: <https://www.apa.org>. Acesso em: 25 out. 2024.
- AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION. **Augmentative and alternative communication**. 2017. Disponível em: <https://www.asha.org/practice-portal/professional-issues/augmentative-and-alternative-communication>. Acesso em: 24 out. 2024.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.
- CLAREAR **Fonoaudiologia**. Disponível em: <https://clarearfonoaudiologia.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2024.
- DI MARCO, Victor. **Capacitismo: o mito da capacidade**. MG: Letramento, 2020.
- FIGUEIRA, Emílio. **As pessoas com deficiência na história do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2021
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf). Acesso em: 26 dez. 2023.
- INSTITUTO SINGULAR. **Autismo**. Disponível em: <https://institutosingular.org/>. Acesso em: 08 set. 2024.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil**. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 23 maio 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- LYCARIÃO, Diógenes; SAMPAIO, Rafael. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.
- NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE. **The promise of assistive technology to enhance activity and work participation**. Washington, D.C.: National Academies Press, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK453284/#>. Acesso em 24 out 2024.

Painel Opinion Box. **Dados sobre a rede social com maior engajamento entre os usuários no mundo.** Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 26 set. 2024.

PORTER, Gayle; CAFIERO, Joanne M. *Pragmatic Organization Dynamic Display (PODD) communication books: a promising practice for individuals with Autism Spectrum Disorders. Perspectives on Augmentative and Alternative Communication*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 121–129, 2009. Disponível em: <https://pubs.asha.org/doi/10.1044/aac18.4.121>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PRIMEIRA INFÂNCIA. **Marcos do desenvolvimento da fala.** Disponível em: <https://primeirainfancia.org.br/noticias/marcos-do-desenvolvimento-fala/>. Acesso em: 24 out. 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão:** acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16

SAGA, Billy; IGNARRA, Carolina. **Manual anticapacitista:** tudo o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo. São Paulo: Jandaíra, 2023.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

**SOUZA, Carol.** Postagem no Instagram sobre CAA. Instagram, 1 out. 2024 Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DAIMV4gJjPP/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/DAIMV4gJjPP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em: 25 out. 2024.

**SOUZA, Carol.** Vídeo sobre o Dia da Conscientização do Transtorno do Espectro Autista. Instagram, 2 abr. 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/carolsouza\\_autistando/reel/Cqh9LHFL8A/](https://www.instagram.com/carolsouza_autistando/reel/Cqh9LHFL8A/). Acesso em: 25 out. 2024.